

SIMPÓSIO ARQUIDIOCESANO - JUBILEU DA MISERICÓRDIA

TEMA GERAL: AS CONSEQUENCIAS SOCIAIS DA FÉ CRISTÃ

DIMENSÃO SOCIAL DA FÉ NA AÇÃO PASTORAL

(Pe. Almir Magalhães)

"Já foi dito, ó homem, o que é bom e o que o Senhor deseja de ti: tão somente que pratiques a justiça e que ames com ternura, e que caminhes humildemente com teu Deus" (Miquéias, 6-8).

1. INTRODUÇÃO

O Papa Francisco nos ofereceu, na Exortação Apostólica A ALEGRIA DO EVANGELHO (Cap. IV), elementos suficientes e orientativos a respeito da Dimensão Social da Evangelização. Nesta introdução, é da maior importância fazer alusão ao Cap. V da mesma Exortação (Evangelizadores com Espírito) usando alguns aspectos que nos interessam.

O objetivo aqui é desenvolver as ideias numa perspectiva de sensibilização, de motivação, de provocação individual e comunitária, aqui entendida como resultado de uma escolha, de uma **decisão pastoral** que leve em conta a dimensão social da fé e seja assumida por todos, para se construir uma Igreja Samaritana, uma Igreja Sacerdotal, na qual o princípio misericórdia a sustente em todos os aspectos de sua vida (seja ela a Paróquia, as Áreas Pastorais, as Novas comunidades, as pastorais sacramentais), fundamentada num espírito, numa espiritualidade encarnada, numa espiritualidade eucarística, evitando-se portanto a "tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação" (AE, 262).

Neste sentido o Papa Francisco afirma que "a melhor motivação para se decidir a comunicar o evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordarmos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova" (AE, 264).

De que social vamos falar? Poderíamos partir dos indicadores sociais e econômicos, mostrando o IDH de Fortaleza, e ver nossa postura de cristãos a partir daí, seja com práticas emergenciais e nelas ficar, mostrar o rosto da pobreza e da miséria; poderíamos partir das políticas públicas inclusivas, mas que não chegam a diminuir as desigualdades sociais; poderíamos partir do que exige a Constituição Federal, sobretudo em termos de salários que dê sustentação a uma vida digna para as pessoas, as famílias, garantindo vários aspectos da vida das pessoas (o que não existe). Não quero desconhecer estes aspectos, mas quero partir de outro elemento, o elemento do

ENCONTRO, mantendo não uma distância das chagas do Senhor, mas conhecer e tocar na miséria humana, a carne sofredora dos outros, entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura, estar próximos da vida das pessoas... a missão é uma paixão por Jesus e uma paixão pelo povo (cf. AE, 268, 270), porque "o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela com os seus sofrimentos..." (AE, 88). É a atitude de ALTERIDADE que se fundamenta na ENCARNAÇÃO (cf. Diretrizes Gerais (Doc. CNBB 102, n. 11). portanto, partir do encontro com o outro necessitado e da COMPAIXÃO, pois, "quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista dos sofrimentos dos outros,,," a cultura do bem estar anestesia-nos" (AE, 54).

O social tem a ver com a fé? Papa Francisco é claro: "o kerigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparecem a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade... A sua redenção tem um sentido social porque "Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens... A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora... A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, buscar e cuidar do bem dos outros (AE, nn. 177-178).

"O serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência" (AE, 179).

Continuando definindo os fundamentos através desta introdução, pergunto: quem é o outro? o outro é o próximo, aquele que vou ao encontro dele na gratuidade; o outro é o pobre, o indefeso, o que é carente de bens suficientes para uma vida digna. Papa Francisco ampliou o conceito de pobre, cunhando uma nova nomenclatura - no nº 15 da *Misericordiae Vultus* " ele convidou para "abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas **periferias existenciais**... abramos nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda"

2. PERFIL PASTORAL DE UMA IGREJA CUJO PRINCÍPIO É O DA MISERICÓRDIA

a) Começemos pelas razões cristãs da caridade¹- Para um cristão a primeira e última razão determinante da caridade é a atuação de Jesus Cristo. , a sua prática de humanidade e caridade que tem sempre em vista a liberdade da pessoa humana. A vida

¹ Tomo aqui como referência o livro A CARIDADE EM OBRAS, de Luciano Manicardi, da Coleção Misericórdia, publicado pela CNBB - Vol. VI, 2016, pp. 42-50. Luciano Manicardi é Monge e Bibliista.

que Jesus Cristo no ensina a viver é a que Ele próprio viveu! E no coração da sua vida está a liberdade, que é condição de **humanização** de nossa vida (destaque é meu).

Jesus mostra uma grande liberdade também em relação aos grupos religiosos da época, opondo-se-lhes quando usam o nome de Deus para desumanizar o homem, fazendo da religião um instrumento de poder. (cf. MT 23, 2-4)

Jesus manifesta ainda a sua liberdade frente ao poder político, mas também em relação aos discípulos, rebatendo quando eles assumem atitudes de desumanidade, de busca de privilégios e de poder... Por isso o Papa Francisco vem chamando a atenção de nós do ministério ordenado (Bispos, Padres, Diáconos), que evitemos a psicologia de príncipes. Voltou a falar nisto recentemente, na Audiência Geral das quartas feiras (dia 14 de setembro) "O fardo dos pobres e oprimidos é o mesmo jugo que Ele carregou antes deles: por isso é suave. Ele carregou nos ombros as dores e os pecados da humanidade inteira. Para o discípulo, portanto, carregar o jugo de Jesus significa receber a sua revelação e aceitá-la: nele a misericórdia de Deus assumiu a pobreza do homem, oferecendo assim a todos a possibilidade da salvação. Mas por que é capaz Jesus de dizer isto? Porque Ele se fez tudo por todos, aproximou-se de todos, dos mais pobres! Era um pastor no meio do povo, dos pobres: labutava o dia inteiro com eles. Jesus não era um príncipe. É negativo para a Igreja, quando os pastores se tornam príncipes, longe do povo, distantes dos mais pobres: este não é o espírito de Jesus. Jesus repreendia estes pastores, dizendo ao povo: «Fazei o que eles dizem, não o que fazem».

Caridade e cotidianidade - no período eclesial subsequente ao Concílio Vaticano II, a descoberta libertadora do essencial da fé e, portanto, a aplicação de uma equilibrada hierarquia de valores (Palavra de Deus, Liturgia e vida espiritual) conduziu à eliminação de práticas de piedade e de devoção sentidas como contraditórias em relação ao espírito do Evangelho. A Igreja deixou, portanto, de lado, uma visão cristã individualista, pouco atenta à dimensão histórica e social da fé, e também preocupada com a normalização dos detalhes das vivências dos fiéis. Semelhante visão faria perder de vista o centro e o caráter irrenunciável da fé em favor de elementos completamente periféricos que, portanto, ocupavam indevidamente um espaço que não lhes pertencia. Lamentavelmente isto continua acontecendo hoje. (Cf. Pagola).

Fé e cotidianidade não podem se separar, porque o Evangelho é chamado a encarnar justamente no cotidiano em que a vida das pessoas é construída. Há que assumir, sem hesitar, a situação atual de analfabetismo em termos de fé de muitos crentes e de analfabetismo em termos de vivência de muitos contemporâneos, encaminhando-nos para uma nova aprendizagem da gramática das relações.

Realmente estas formas de analfabetismos existem e um dos motivos principais é nosso modelo de catequese, com pouca ênfase no existencial.

Cotidianidade aqui deve ser entendida, como o espaço em que se há de reconhecer o detalhe, o pormenor, os meandros da existência, para poder aprendê-la como o lugar em que se deve manifestar, a qualidade humana e evangélica. (CF EN, 18-20 - O que é evangelizar).

As obras de misericórdia nos oferecem a oportunidade na convivência cotidiana, de PROXIMIDADE, dos mais variados dramas vividos pelas pessoas que cruzam nossas vidas. Vale ressaltar que a lista das obras de misericórdia não esteja concluída. O número sete que simboliza totalidade, está por isso mesmo, aberto ao discernimento de inúmeras outras situações de necessidade e pobreza em que seres humanos possam vir a encontrar-se nas diversas situações históricas e geográficas. Longe de ser completa, a lista das obras de misericórdia, antes de ser enumeração de categorias precisas de necessidades, recorda o fato elementar de que o homem, enquanto tal, é sobretudo necessidade. Aqui já surge uma proposta: olhar para as práticas de nossas paróquias, o que estamos fazendo e confrontar o que é essencial...

Caridade e proximidade - A sociedade tecnológica elimina cada vez mais a dimensão da proximidade das vivências, criando, pelo contrário, uma distância cada vez maior entre os seres humanos. A ausência da proximidade não provoca apenas danos psíquicos, mas também morais. Quando a técnica se interpõe torna-se cada vez mais precário o sentido ético, de modo particular o sentido do sofrimento do outro. (de fato, hoje há uma indiferença com relação ao sofrimento do outro).

É preciso redescobrir que, só a presença real do outro nos torna humanos na medida em que isso fala da importância de praticar a misericórdia, a caridade, que se dá entre pessoas capazes de se olhar no rosto (a caridade impessoal é muito fácil e é filantropia). Ao praticar a misericórdia, não se trata apenas de um jogo de FAZER COISAS, mas deve entrar aí uma disposição de espírito, ou seja, um modo de viver as relações com o próximo que o cristão é chamado a por em prática.

b) Uma Igreja sacerdotal² (em saída, samaritana, misericordiosa, comprometida com os o sofredores, que reage diante do sofrimento dos outros). Em primeiro lugar saliento que o fato de se colocar o adjetivo SACERDOTAL na igreja, pode levar imediatamente à ideia de uma Igreja que se baseia no culto - é verdade que não seria irreal se dizer que nosso centro é a Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã. Mas o conteúdo desta reflexão vai deixar bastante claro o significado de IGREJA SACERDOTAL.

A Igreja católica tem em seu Credo as notas - UNA, SANTA, CATÓLICA e APOSTÓLICA as características que a definam melhor como uma verdadeira Igreja, e esta, é, antes de tudo, **uma Igreja que "se parece com Jesus"**, o que significa reproduzir a estrutura de sua vida. O que dá coerência última a essa estrutura da vida de Jesus é algo que pode ser pensado de diversas formas: sua fidelidade, sua esperança, seu serviço.

² O registro desta parte tem como fundamento as ideias de Jon Sobrinho em seu livro O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA, Vozes, 1992.

O autor propõe que o princípio que lhe parece mais estruturante na vida de Jesus é a *misericórdia*; por isso deve ser também para a Igreja.

No princípio estava a misericórdia - Na origem do processo salvífico está presente uma ação amorosa de Deus (Ex 3, 7s). Deus escuta os clamores de um povo sofredor e só por este motivo se decide a empreender a ação libertadora. A esta ação de amor assim estruturada chamamos de "misericórdia" e desta se deve dizer: a) que é uma ação ou, mais exatamente, uma re-ação diante do sofrimento alheio interiorizado, que chegou até as entranhas e ao próprio coração e b) que esta ação é motivada só por este sofrimento. (p.33). O sentimento alheio interiorizado é, portanto, o princípio da reação misericordiosa.

Esta misericórdia primigênia de Deus é o que aparece historizada na prática e na mensagem de Jesus. *O misereor super turbas* não é só uma atitude "regional", pontual de Jesus, mas o que configura sua vida e sua missão e provoca o seu destino.

Observem que, quando Jesus quer mostrar o que é um ser humano autêntico, conta a parábola do BOM SAMARITANO - a parábola quer dizer numa palavra o que é SER HUMANO. Ela não nos diz o que o samaritano pensou nem com que finalidade última agiu. A única coisa que nos é dito é que agiu "movido por misericórdia". O ser humano cabal é, portanto, aquele que interioriza em suas entranhas o sofrimento alheio. Desta forma, a misericórdia define diretamente o ser humano. O que significa ser um ser humano para Jesus? reagir com misericórdia, caso contrário fica viciada a raiz do ser humano, como aconteceu com o sacerdote e o levita, que "passaram adiante".

Nesta parábola é significativo que Jesus nos apresente como modelo de misericórdia precisamente um samaritano. Os judeus da época não consideravam os samaritanos como judeus ortodoxos, mas antes como desprezíveis semipagãos. Deve ter sido igualmente provocatório para os que escutavam Jesus o fato de terem sido um sacerdote e um levita os primeiros a passar pelo homem vítima de assalto que jazia à beira da estrada, enquanto foi precisamente um samaritano que se deteve e cuidou dele.³

Identicamente acontece na parábola do filho pródigo (ou melhor, do pai misericordioso - Lc. 15, 11-32) - agiu movido por misericórdia - o que significa dizer que não é simplesmente o exercício das chamadas OBRAS DE MISERICÓRDIA, embora possa se expressar nestas, mas é algo muito mais radical: é uma atitude fundamental diante do sofrimento alheio.

A Igreja da misericórdia - É esse princípio misericórdia que deve atuar na Igreja de Jesus. A misericórdia deve lhe dar forma. A Igreja, enquanto Igreja, deve reler a parábola do bom samaritano com a mesma expectativa, com o mesmo temor e tremor

³³ Cardeal Walter Kasper, *A misericórdia - condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Loyola, São Paulo, 2015, p. 91.

com que a escutam os ouvintes de Jesus. Muitas outras coisas a Igreja deverá ser e fazer; mas como cristã e como humana, se não for, antes de mais nada boa samaritana todas as outras coisas serão irrelevantes. De que Igreja falo? Em todos os níveis: Diocese, paróquias, áreas pastorais, novas comunidades. O exercício da misericórdia é o que coloca a Igreja fora de si mesma e num lugar bem preciso: ali onde acontece o sofrimento humano - **o lugar da Igreja é o ferido no caminho.** (Isso é a "cara" do Papa Francisco - uma Igreja em saída, descentralizada, nada de autorreferencial). Pior, praticar a misericórdia é também tocar os ídolos, pois se ela for tomada a sério, ela se torna conflitiva, se tocar nos ídolos da sociedade, se buscar as causas do sofrimento - ***Jesus usou a parábola do bom samaritano para enfatizar a supremacia da misericórdia sobre quaisquer concepções religiosas e para "atacar" os religiosos sem misericórdia.***

Finalmente, uma Igreja da misericórdia "se faz notar" no mundo de hoje não pela via do sucesso, da visibilidade, mas se faz notar de maneira específica, com credibilidade.

Uma Igreja sacerdotal - em primeiro lugar vale recordar que o sacerdotal exprimiu a realidade de uma humanidade necessitada de salvação e com a esperança de a conseguir. Portanto, o central, o que está em jogo é a salvação. No tempo de Jesus, os pobres esperavam a vinda do Reino de Deus. Neste sentido somos remetidos a algo bem tradicional: a necessidade de mediação entre Deus e os homens. Deus e os homens são realidades distintas e separadas... o problema do homem é, então, como vencer esta distância, como ter acesso a Deus e encontrar a salvação. Para aproximar-se de Deus é decisivo entrar no mundo do sagrado; este acesso é proporcionado por ritos e cerimônias que o separa do profano e tornam possível o acesso ao sagrado.

Neste modo de ter acesso a Deus, o sacerdote é peça chave e decisiva para realizar esta mediação que se dá através do culto e dentro deste o sacrifício. No AT a solução é cultural. No NT a solução é radicalmente distinta porque distinto é o Deus que aparece em Jesus - o que é ou não sacerdotal, o que é ou não mediador deve ser descoberto se partir da novidade desse Deus.

A que conclusão se chega? Que o Deus transcendente não é mais um Deus separado e distante, mas um Deus perto dos homens. Na encarnação se diz radical e sistematicamente que aproximar-se dos homens pertence de modo central à realidade de Deus. Esta aproximação de Deus é boa e aqui está o central para se compreender a realidade sacerdotal. Deus se aproxima para salvar. Aproxima-se por amor e como amor. Não se aproxima separado dessa vida e dessa história.

Desta forma, muda radicalmente o problema do acesso do homem a Deus. Agora não é o homem que vai a Deus em busca da salvação, mas é Deus que se abaixa ao homem para oferecê-la.

Isto tem consequências para o serviço sacerdotal que é tornar presente a bondade de Deus e que esta bondade esteja presente em toda a vida da comunidade eclesial.

O serviço sacerdotal é apostólico - e seu destinatário é o mundo, não se deve começar metodologicamente com o serviço do sacerdócio intra-eclesial, mesmo que isto seja importante, mas com o envio ao mundo, de acordo com o Vat. II ao apresentar o sacerdócio de Cristo na PO, n.2.

Quem são os interlocutores? Deve se dirigir ao mundo dos necessitados, não só como pessoas individuais.

A Igreja deve delinear o sacerdotal não a partir dos sacerdotes, mas a partir dela mesma, enquanto comunidade e povo de Deus. Ela torna-se uma IGREJA SACERDOTAL; é ação de toda uma igreja.

O serviço sacerdotal é evangélico - no sentido original do termo = comunicação e realização de uma boa notícia. Servir à aproximação de Deus aos homens e realizar o bom e o sumamente bom. Recordar que Deus se aproxima como "Pai", suma bondade, misericórdia e ternura; e se aproxima num reino, cujo conteúdo é a utopia da humanidade (cf. os valores). Portanto, aproximar Deus é levar o bom ao coração do homem e da sociedade, humanizá-los. Esta é a formalidade do serviço sacerdotal. Isso não significa "suavizar" a denúncia profética, que enfim significa defender os fracos.

Se o serviço quer ser sacerdotal, a comunicação da bondade de Deus deve estar presente nas atividades pastorais, litúrgicas... Deus se acerca da pessoa perdoando o pecador, mudando seu coração de pedra em coração de carne, assemelhando-se a Jesus.

Surge aqui uma pergunta fundamental: Pode um Deus amoroso, um Deus Pai aproximar-se da maioria dos pobres, deixando intocada sua miséria, marginalização e morte?

A aproximação do Deus bom ao homem só pode ser feita através de bondades concretas, coisas e ações que mostrem que há bondade em Deus. São mostras de esperança. Não esquecer que a aproximação de uma Deus que é Pai e portanto bom para o homem, mas que continua sendo Deus e, portanto, maior que as bondades concretas nas quais necessariamente tem que se aproximar.

O serviço sacerdotal exige uma determinada **espiritualidade**. A espiritualidade deve ser apostólica e missionária para levar Deus aos homens com uma matiz de sair em busca dos homens e dos mais necessitados (Igreja em saída).

Mais uma vez enfatiza a tentação do intraeclesialismo, a de abandonar o mundo à sua miséria, seja por incapacidade ou medo, seja por temor de se contaminar com o mundo real da política, dos conflitos. Quando surge esse temor - ingênuo ou hipócrita, convém

lembrar o exemplo de Jesus comendo com publicanos e prostitutas, se tais fossem considerados.

E JESUS? Expressou o rosto deste Deus como Pai bondoso, misericordioso. Em seu tempo Jesus não viu o cultual como lugar de acesso privilegiado a Deus, mas antes como algo suspeito e viciado. Jesus se opôs a uma concepção ritual da relação do homem com Deus e uma maneira externa de entender a santificação. "Eu quero misericórdia e não sacrifício" (Mt 9, 10-13; 12, 1-3; 15, 1-20 - Jesus foi sacerdotal quando perdoou a adúltera e lhe devolveu a paz, quando se aproximou dos leprosos para mostrar que ao menos Deus não os tinha abandonado.

Na Carta aos Hebreus a misericórdia é descrita em momentos centrais. Do sumo Sacerdote se diz que "se compadece das nossas fraquezas" (4,15), e por isso podemos ter confiança em "alcançar misericórdia" (4,16); que "pôde ter compaixão (5,2); que "é misericordioso" (2,17).

Nos evangelhos ela é descrita de forma abundante e como algo central em Jesus. Jesus se compadeceu de todos aqueles que estão em necessidade; "Viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor" (Mc. 6,34; Mt. 9,36). Ao ver a viúva de Naim com seu filho morto, "se compadeceu dela" (Lc. 7,13); "Viu uma grande multidão e tomado de compaixão curou os seus doentes" (Mt. 14, 14)); é dito que sentiu compaixão por um leproso (cf. Mt. 1, 41), por dois cegos (Mt. 20,34) pelos que não tinham o que comer (cf. Mc 8,2; Mt, 15,32). Desta forma misericórdia se converte em critério de ação. Quando Jesus quer apresentar o homem que cumpre verdadeiramente a lei - o samaritano da parábola - define-o como quem "teve compaixão" (Lc. 10,33). Mais ainda, o próprio Deus é "movido pela misericórdia" (Lc. 15,20).

3. A MISERICORDIA E AS URGÊNCIAS

Como o nosso tema tem um enfoque pastoral, poderíamos perguntar em qual das urgências o tema da misericórdia se adequaria mais? Se compreendemos a misericórdia a partir do PRINCÍPIO MISERICÓRDIA que deve estruturar a vida da comunidade eclesial, se a entendemos com o Cardeal Walter Kasper em seu livro: A MISERICÓRDIA - Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã fica difícil onde a colocaríamos, pois como o próprio nome indica, as urgências são como que escolhas entre tantas possibilidades.

De acordo com as reflexões até aqui desenvolvidas, deveria estar presente como horizonte, como inspiração de fundo, estruturante, para cada urgência. Entretanto como definição do enfoque de nosso tema ela se colocaria na quinta urgência - Igreja a serviço da vida plena para todos.

Vamos concluir tomando a palavra MISERICÓRDIA no seu sentido original - ter o coração (cors) com os pobres (miseri), ou seja, sentir afeto pelos pobres, ter um coração compassivo.

neste sentido humano geral, a misericórdia denota a atitude de quem transcende o egoísmo, o egocentrismo e o individualismo e não tem o coração centrado em si mesmo, mas centrado nos outros, em especial nos pobres e afligidos por todo o tipo de misérias. (W. Kasper, p. 36).

BEM AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS -

A mensagem da misericórdia divina tem consequências para a vida de qualquer cristão, para a prática pastoral da Igreja e para o contributo que os cristãos devem dar para a configuração de uma ordem social, digna, justa e misericordiosa. (W. Kasper, 165).

A misericórdia não pode ser vista como um "cosmético espiritual" para almas boas ou então justificativa para ações não muito boas. Vale a lei do tudo pode e do tudo é permitido, já que Deus acaba sempre perdoadando o ser humano. (W. Kasper, pp. 25 e 134-135). Trata-se de viver uma ligação com Deus sem compromissos e exigências sérias.